

## **ESTRUTURA E GÊNESE DO SISTEMA DAS AUTOCONSCIÊNCIAS: Epistemologia Genética, MoSEAOSS e as possibilidades das significações de ser humano.**

TASSINARI, Ricardo Pereira

Universidade Estadual Paulista (UNESP),  
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília.

Departamento de Filosofia

Agência Financiadora: FAPESP<sup>1</sup>

[ricardotassinari@gmail.com](mailto:ricardotassinari@gmail.com)

Eixo temático: Filosofia e/ou Epistemologia Genéticas

Categoria da Pesquisa: Concluída

### **Resumo**

O que somos nós? Tal questão surge com o início da filosofia ocidental e perdura ainda hoje, inclusive com os avanços científicos e tecnológicos. Nesse contexto, a capacidade de fazer ciência e filosofia é uma das principais características da espécie humana e a distingue das outras espécies. Como, pois, compreender o sistema dos seres humanos, considerando que uma resposta a tal questão será sempre elaborada por um de seus elementos utilizando tal capacidade? A partir de resultados teóricos e experimentais de Jean Piaget e seus colaboradores, Tassinari (2014) propôs o Modelo do Sistema de Esquemas de Ações e Operações sobre Símbolos e Signos (MoSEAOSS) para explicar a capacidade de construção de estruturas necessárias ao conhecimento científico e filosófico. Também, com vista a tal questão, Tassinari (2013 e 2015) propôs um projeto geral de pesquisa (neo)hegeliano que visa usar conceitos operacionais e argumentos inspirados na filosofia especulativa hegeliana para compreender o sistema dos comportamentos humanos, principalmente por seus elementos realizarem sistemas filosóficos pelos quais eles se pensam. Nesse sentido, propõe-se aqui o conceito operacional *sistema das autoconsciências* como sistema cujos elementos reconhecem que suas próprias visões do mundo e dos seres humanos se constroem a partir de seus próprios sistemas de esquemas de ações e operações sobre símbolos e signos. Como resultado, obtêm-se uma visão e análise filosófica: (1) que se assume como construção; (2) que admite e possibilita explicar e coordenar a diversidade de construções de visões filosóficas possíveis, sem ser relativista; (3) em que o sistema dos seres humanos é considerado um sistema de autoconsciências; (4) em que tais autoconsciências realizam os diversos sistemas filosóficos pelos quais eles se pensam; e (5) possibilita a conhecida dialética do reconhecimento tratada por Hegel na História da Filosofia.

**Palavras-chave:** Conhecimento Filosófico; Construção do Real; Sistema das Autoconsciências.

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte da pesquisa “Filosofia Especulativa e Epistemologia Genética: Construção do Objeto, Razão e Liberdade” realizada na Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, sob a supervisão do Prof. Dr. Jean-François Kervégan, com auxílio Bolsa Pesquisa no Exterior FAPESP 2016/13547-6 da Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) à qual agradeço vivamente!

## 1. Introdução.

Uma das principais questões, senão a principal, que nos colocamos, já desde o início da filosofia ocidental, é a sobre o conhecimento de nós próprios. É emblemática a insistência socrática a partir do imperativo apolíneo de que devemos conhecer a nós próprios. O que somos nós? A dificuldade de responder a tal questão perdura ainda nos dias de hoje e, em especial, a questão é sempre renovada em vista de avanços científicos e tecnológicos adquiridos. Nesse contexto, em um recente artigo (TASSINARI, 2013 e 2015), tal questão foi recolocada, em especial, no contexto da teoria de sistemas: como compreender o sistema dos seres humanos e seus comportamentos, considerando que esse próprio ser humano é capaz de fazer ciência e filosofia do mundo em que vive e de si próprio?

De certa forma, o fazer ciência e filosofia têm se mostrado uma das principais características da espécie humana e que a distingue das outras espécies. Logo, as respostas a tais questões implicam, necessariamente, uma análise de como fazemos ciência e filosofia e de como compreendemos o mundo que nos cerca e a nós próprios.

Nesse contexto, o estudo das estruturas necessárias aos conhecimentos científicos e filosóficos tem sido um tema recorrente na Filosofia, desde a sua origem, sendo inclusive objeto específico de disciplinas filosóficas, como a Teoria do Conhecimento e a Epistemologia.

Na discussão histórico-filosófica a respeito da construção dessas estruturas, uma recente contribuição foi dada com o estudo teórico e experimental (não apenas teórico), passo a passo, da gênese do conhecimento e de estruturas a ele necessárias, proposto por Jean Piaget (1950), em um projeto interdisciplinar denominado de *Epistemologia Genética*, do qual muito foi por ele realizado, ao longo de sua vida, com a ajuda de colaboradores.

A partir de alguns dos principais resultados teóricos e experimentais a que chegaram Jean Piaget e seus colaboradores e visando elaborar uma visão sistêmica, sistemática e sintética a respeito das estruturas necessárias ao conhecimento científico, Tassinari (2014) propôs um modelo de uma estrutura central necessária ao conhecimento, denominada de *Sistema de Esquemas de Ações e Operações sobre Símbolos e Signos*. O nome dado a tal estrutura visa salientar alguns dos principais elementos que a compõe, bem como seu caráter sistêmico. Igualmente, o modelo dessa estrutura foi denominado de *MoSEAOSS*, que é o acrônimo criado a partir das letras iniciais dos nomes desses elementos.

Em relação ao conhecimento científico, tal modelo, com a ajuda de colaboradores, pôde ser aplicado para mostrar como se desenvolvem algumas das noções e conceitos essenciais ao nosso conhecimento dos objetos e do mundo em que vivemos, como as lógicas

de classes e relações (TASSINARI, 2011), o conhecimento matemático abstrato (FERRAZ; TASSINARI, 2015 e 2016, e FERRAZ, 2014), a gênese da capacidade de predicação universal e da função proposicional (FERREIRA; TASSINARI, 2013, e FERREIRA, 2011), a noção de espaço (TASSINARI, 2014, p. 16, e MARÇAL; TASSINARI, 2013 e 2014), de tempo (LATANSIO, 2010, p. 86-94, e TASSINARI, 2014, p. 28-33), inclusive a noção de tempo da Teoria da Relatividade Restrita (PENTEADO; TASSINARI, 2016), e processos de ressignificação em Terapia Cognitiva (DANTAS; TASSINARI, 2016, e DANTAS, 2016).

Em relação à Filosofia, em um artigo recente (TASSINARI, 2016), discutiu-se como o sistema de esquemas de ações e operações sobre símbolos e signos se constitui também como uma estrutura necessária ao conhecimento filosófico.

Em especial, tal artigo possibilitou responder a questão de como se constitui nosso conhecimento do mundo em que vivemos e do que julgamos real.

Por outro lado, tal discussão trouxe a necessidade de uma visão filosófica que incorporasse esse próprio resultado. Ou seja: se, por um lado, tal discussão possibilitou dar as linhas gerais de como construímos e atribuímos significação aos objetos em geral, por outro se tornou necessário discutir tal construção e atribuição de significação quando tais objetos são seres humanos.

Aqui, de certa forma, retorna-se a questão posta no início deste trabalho, só que de forma mais elaborada e contextualizada: Como compreender o sistema dos seres humanos e seus comportamentos, considerando que esses seres humanos têm a capacidade de construir diversas teorias, visões e concepções científicas e filosóficas do mundo em que vivem e de si próprios, a partir de seus sistemas de esquemas de ações e operações sobre símbolos e signos? Mais ainda: como compreender tal sistema dos seres humanos, considerando que uma resposta a tal questão será sempre elaborada por um desses elementos (como aqui) e depende de tal capacidade? Nesse sentido, o objetivo principal deste trabalho é, pois, desenvolver conceitos operacionais que possibilitem responder a tais questões e lidar com tal sistema, sendo sempre um de seus elementos.

## **2. O MoSEAOSS e a construção das significações.**

A partir do MoSEAOSS foi realizada (TASSINARI, 2016) uma análise de como o objeto em geral é construído pelo sujeito do conhecimento e de como tal construção depende das teorias científicas e filosóficas. Aqui, trata-se de aprofundar tal análise quando tais objetos são seres humanos capazes de construir sistemas científicos e filosóficos. Nesta seção, retoma-se as linhas gerais de como o objeto se constrói para, nas próximas seções, tratar do

caso em que tais objetos seriam seres humanos.

Na análise realizada, considera-se que um objeto ou uma situação adquirem significação para um sujeito na medida em que são assimiladas pelas possibilidades (esquemas) de ações (exteriores e interiores) do sujeito. Nesse sentido, a análise da construção das significações a partir do MoSEAOSS pode ser vista como uma forma explícita e detalhada de pragmatismo, na medida em que explícita como as significações em geral se constituem por meio de e remetem às possibilidades de ações (exteriores e interiores) do sujeito.

Mais precisamente, têm-se as seguintes definições (TASSINARI, 2014, p. 37, a partir de APOSTEL *et al.*, 1957, p. 48-50).

A *significação de um objeto A* para um Sujeito S em uma situação T é o conjunto de ações exteriores e interiores (operações sobre símbolos e operações sobre signos) de S que lhe são aplicáveis em T.

A *significação de uma situação T* para um Sujeito S é o conjunto de ações exteriores e interiores (operações sobre símbolos e operações sobre signos) de S que são aplicáveis a T.

Em especial, foi mostrado (TASSINARI, 2016) que os dados sensoriais relativos à percepção de um objeto A servem de significante cujo significado é o próprio objeto A, como objeto intelectualmente construído, cuja significação é estabelecida pelo conjunto de ações exteriores e interiores que o sujeito S pode aplicar a A.

Mais precisamente, tem-se o seguinte.

Na significação existem sempre dois pólos: o significante e o significado. O significante evoca o significado e o expressa, e esses dois termos se definem em sua relação recíproca.

No caso da significação que pressupõe representação por parte do sujeito, existe o uso da função semiótica, o que quer dizer que o sujeito é capaz de distinguir um significante (que representa algo) de seu significado (o algo representado); neste caso, os significantes são chamados de *símbolos* e *signos*. Mais precisamente, *símbolos* e *signos* são os dois pólos da capacidade representativa, sendo que a representação pelo significante pode estar desde uma representação mais motivada e individual (*símbolo*) até uma representação mais arbitrária, coletiva e histórico-social (*signo*).

Existe ainda um terceiro tipo de significante. Por definição, um *indício* é um significante não diferenciado do seu significado pelo sujeito. Logo, o indício é um significante que é parte de um objeto ou situação cujo significado é o próprio objeto ou situação. Por exemplo, uma porta que se abre e anuncia a chegada de alguém.

A tabela a seguir resume os três tipos de significantes.

<b>Caracterização</b>	<b>Tipos de Significantes</b>	
Significante indiferenciado do significado para o sujeito (significante é parte do significado)	<i>Indício</i>	
Significantes diferenciados dos significados pelo sujeito (uso da função semiótica, representação)	<i>Símbolos</i> (mais motivados e individuais)	<i>Signos</i> (mais arbitrários, coletivos e histórico-sociais)

*Tabela 1: Tipos de Significantes.*

Os indícios existem durante toda a vida do sujeito, desde os primeiros meses de vida até o fim da vida. Nesse sentido, os indícios estão presentes nas significações sensório-motoras, inclusive nas significações sensório-motoras anteriores ao uso da função semiótica, que é a capacidade de distinguir significados e significantes e, portanto, anterior à capacidade de representação.

Segundo a sistematização proposta pelo MoSEAOSS, podem-se considerar (pelo menos) três níveis em relação a um conhecimento: (1) aquele relativo às ações exteriores do sujeito, em relação ao mundo que o cerca, denominado de Sensório-Motor, e (2) aqueles relativos ao plano da representação e sua possibilidade de ações interiores, isto é, (2.1) aqueles relativos às operações sobre símbolos e (2.2) aqueles relativos às operações sobre signos.

As operações sobre símbolos e signos se coordenam com as ações exteriores de forma a constituir um único sistema de esquemas de ações (exteriores e interiores) do sujeito do conhecimento ou, mais explicitamente, um *sistema de esquemas de ações e operações sobre símbolos e signos*, expressão que motiva o nome *MoSEAOSS* dado ao modelo.

Em todos esses níveis, na percepção de um objeto ou situação, o indício (como parte dos dados sensoriais) é um significante do objeto ou situação que faz com que o sujeito evoque o objeto ou a situação, estes como uma construção intelectual. O objeto ou a situação se mostram como uma construção na medida em que suas significações se constituem por meio de e remetem às possibilidades de ações (exteriores e interiores) do sujeito.

Mais precisamente, tais significações se constituem de acordo com as definições citadas anteriormente: *A significação de um objeto A para um Sujeito S em uma situação T é o*

conjunto de ações exteriores e interiores (operações sobre símbolos e operações sobre signos) de S que são aplicáveis por A em T; A *significação de uma situação* T para um Sujeito S é o conjunto de ações exteriores e interiores (operações sobre símbolos e operações sobre signos) de S que são aplicáveis a T.

Nesse sentido, o significado de uma percepção (indício) é o objeto ou situação como construções intelectuais que são estabelecidos não apenas pelas ações exteriores mas também pelo conjunto de novas possibilidades de ações interiores (operações sobre símbolos e operações sobre signos).

De forma geral, a análise da constituição das estruturas necessárias ao conhecimento filosófico mostrou (TASSINARI, 2016) que a coordenação dos esquemas de ações e operações sobre símbolos (em especial, sobre imagens mentais, denominadas de *transfigurações*) e as operações sobre signos (denominadas de *transsignações*) do sujeito do conhecimento constituem o real para ele; ou ainda, as diversas teorias filosóficas determinam operações sobre signos (transsignações), envolvendo significações teóricas, que coordenam os esquemas de operações sobre símbolos (em especial, a imaginação, transfigurações, operações sobre imagens mentais), regulando as possibilidades imaginadas, e, conseqüentemente, as possibilidades atribuídas aos comportamentos dos objetos e às suas próprias ações.

Os esquemas das ações interiores (transfigurações e transsignações) pelos quais o sujeito se representa o comportamento dos objetos acabam por estabelecer as *razões* que o sujeito atribui aos objetos e que eles obedeceriam (incluindo as leis), ou, mais propriamente, acabam por estabelecer as razões dos comportamentos dos objetos, segundo a construção do real realizada pelo próprio sujeito por meio de suas transfigurações e transsignações. De forma geral, os sistemas de esquemas de transfigurações e transsignações aplicados aos objetos concretos estabelecem uma “física para o sujeito”, uma “química para o sujeito”, uma “biologia para o sujeito”, uma “psicologia para o sujeito”, uma “antropologia para o sujeito”, uma “sociologia para o sujeito”, etc., cujos aperfeiçoamentos desses sistemas em termos de uma construção geral que servem a diversos sujeitos constituirão as próprias ciências correspondentes (Física, Química, Biologia, etc.).

Mais ainda, como já parcialmente mostrado pelos trabalhos indicados na introdução deste artigo, a coordenação geral desses sistemas de esquemas possibilitam a construção no plano das representações das noções gerais que estruturam o real, como as de espaço, de tempo, de causalidade etc., bem como o aspecto formal da coordenação desses sistemas de esquemas possibilita as noções lógico-matemáticas de classe, relações, números, etc.

Nesse sentido, vê-se que qualquer visão filosófica é construída, desde a mais tenra

infância até a atualidade do pensamento de um autor, e, em especial, vê-se que o que o universo é para nós é construído a partir de nosso sistema de esquemas de ações e de operações sobre símbolos e signos.

Tais conclusões trazem de volta as questões colocadas anteriormente de como compreender o sistema dos seres humanos e seus comportamentos, neste novo contexto. É o que será tratado a seguir.

### **3. O MoSEAOSS e a construção da significação do ser humano.**

Como compreender o sistema dos seres humanos e seus comportamentos, considerando que esse o ser humano tem a capacidade de construir diversas teorias, visões e concepções científicas e filosóficas do mundo em que vive e de si próprio, a partir de seu sistema de esquemas de ações e operações sobre símbolos e signos? Mais ainda: como compreender tal sistema dos seres humanos, considerando que uma resposta a tal questão será sempre elaborada por um desses elementos (como aqui) e depende de tal capacidade?

Nesta seção, analisa-se a primeira questão estabelecendo elementos para responder, nas seções posteriores, a segunda questão.

Uma conclusão direta do que foi discutido até aqui (e que será designada pela letra grega  $\Psi$  para ser referida mais a frente) é a seguinte.

( $\Psi$ ) Os elementos do sistema (dos seres humanos) são capazes de elaborar teorias filosóficas (incluindo científicas) para os quais os objetos e situações são construídos e dependem dos seus sistemas de esquemas de ações e operações sobre símbolos e signos.

Existem então (pelo menos) duas consequências imediatas dessa conclusão.

A primeira é a que se pode usar o MoSEAOSS, como foi feito até aqui, para discutir a significação dos objetos e a sua construção, sendo que a significação dos objetos e situações é função das possibilidades de ações que atribuímos a eles por meio de nossos sistemas de esquemas de ações e operações sobre símbolos e signos.

A segunda é que, da mesma forma, são construídas as próprias significações atribuídas aos seres humanos e, além disso, de forma especial, a afirmação  $\Psi$  anterior tem que ser necessariamente atribuída aos seres humanos.

Mais detalhadamente, como salientado anteriormente, a significação de um objeto A para um sujeito S em uma situação T é o conjunto de ações exteriores e interiores (operações sobre símbolos e operações sobre signos) de S que são aplicáveis a A em T; logo, a significação de *ser humano* dependerá das ações que se atribui aos seres humanos, ou seja, ao que se julga que é possível um ser humano realizar. O sistema de esquemas de ações

(exteriores e interiores) de um ser humano é o conjunto de ações possíveis de serem realizadas por esse ser humano. Dentre as ações atribuídas aos seres humanos, em geral aqui, e que lhe dão significação especial, estão aquelas expressas na afirmação  $\Psi$ , isto é: *o ser humano tem a capacidade de construir o real para si por meio de teorias filosóficas (incluindo as científicas)*.

Essa característica leva a uma situação autorreferencial *sui generis*, pois, é por meio dessa capacidade que a visão que está sendo expressa neste trabalho está sendo construída. Em certo sentido, a possibilidade do desenvolvimento das ideias aqui expressas é a confirmação dessa própria capacidade.

Mais ainda: a visão filosófica expressa neste trabalho e que vem a ser construída por meio dessa capacidade é uma dentre as diversas visões filosóficas possíveis que também se utilizam dessa capacidade para se auto-construírem. Considerando de forma geral, cada um de nós é um elemento de tal sistema de seres humanos aqui tratado e, nesse contexto, qualquer visão filosófica virá ser construídas por meio dessa capacidade e será uma dentre as diversas visões filosóficas possíveis.

Resumindo, trata-se aqui de, como seres humanos, construir aqui uma visão filosófica ou um sistema de conceitos operacionais em que se reconheça: (1) que ela própria é realizada por sujeitos para os quais os objetos são construídos e dependem dos respectivos sistemas de esquemas de ações e operações sobre símbolos e signos; e (2) que ela é uma dentre diversas teorias filosóficas possíveis.

Nesse sentido, para construir tal visão filosófica, é necessário reconhecer: (1) que o que julgamos real hoje é o resultado de uma construção; e (2) que essa visão-construção é uma dentre outras possíveis.

Tal discussão torna-se mais complexa na medida em que, em especial, a discussão anterior mostrou que: (1) existe a possibilidade de que cada teoria científica ou filosófica seja tomada como real pelo filósofo que a propõe; e (2) existe a possibilidade de existência de uma grande diversidade de teorias filosóficas.

Como, pois, construir tal visão filosófica?

#### **4. Um projeto (neo)hegeliano.**

Já de início, pode se notar que as questões anteriores contêm uma circularidade e autorreferencialidade, pois, uma resposta a elas é ou virá a ser (parte de) uma teoria filosófica que visa explicar como as próprias teorias filosóficas são possíveis, logo, inclusive a si própria.

Saliente-se que tal circularidade é própria da Filosofia, pois, por exemplo, como salientava Aristóteles, mesmo para negar a Filosofia é necessário fazer Filosofia.

Nesse sentido, tais questões podem ser resumidas da seguinte forma: Dado que nossa visão de mundo será sempre uma filosofia e dada a possibilidade de diversas teorias filosóficas, como construir uma visão filosófica que considere esses dados?

Nesse caso, é interessante notar que a filosofia especulativa de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) assume explicitamente tais circularidades e autorreferencialidades explicitadas nas questões anteriores, bem como uma necessária pluralidade de filosofias.

Nesse sentido, Tassinari (2013 e 2015) propôs um projeto geral de pesquisa que visa usar conceitos (em especial, conceitos operacionais, isto é, que possibilitem lidar com tais circularidades e autorreferencialidades, e com a estruturação e compreensão do conhecimento do sistema de comportamentos humanos) e argumentos inspirados na filosofia especulativa hegeliana ou a ela relacionados para compreender o sistema dos comportamentos humanos; especialmente na medida em que uma das características principais de seus elementos é a possibilidade de eles pensarem tal sistema e realizar a diversidade de sistemas filosóficos, pelos quais eles se pensam. Nesse contexto, este texto é, pois, parte do desenvolvimento desse projeto geral.

Um desses conceitos-chaves nesse desenvolvimento é, como já apontado anteriormente (TASSINARI, 2013, p. 276-277, e 2015, p. 882) o conceito de *autoconsciência*, segundo o qual:

A verdade da consciência é a *autoconsciência*, e esta é o fundamento daquela, pelo que, na existência, toda a consciência de um outro objeto é autoconsciência; eu sei o objeto como meu (é representação minha), por isso, nele eu sei de mim mesmo. (HEGEL, 1830/2015, §424, p. 442-443)<sup>2</sup>.

Nesse sentido, como salientado (TASSINARI, 2013, p. 276-277, e 2015, p. 882-883), é possível ver na caracterização da autoconsciência como consciência da própria consciência em que “eu sei o objeto como meu (é representação minha), por isso, nele sei de mim mesmo”, uma forma adequada de tratar os resultados expostos anteriormente de que o significado de uma percepção, isto é, o próprio objeto, é um ser essencialmente intelectual e que todo e qualquer objeto concreto é elaborado por meio do sistema de esquemas de ações e operações sobre símbolos e signos.

Note-se que, para a filosofia especulativa, os conceitos e os argumentos utilizados devem ser aceitos a partir de seu próprio desenvolvimento e sua própria compreensão. Logo, a

---

2 Cabe notar que, neste trabalho, para as traduções de Hegel (1830/2015) foram consultadas as traduções brasileira (HEGEL, 1830/1995), portuguesa (HEGEL, 1830/1992) e francesa (HEGEL, 1988).

realização de tal projeto geral implica, por um lado, explicitar tais conceitos e os argumentos por si próprios, nos contextos que são definidos, como aqui, justificando-os na própria exposição e desenvolvimento, e, por outro lado, mostrar sua relação com os conceitos e argumentos da própria filosofia hegeliana.

### **5. MoSEAOSS e autoconsciência: a construção da significação do ser humano como autoconsciência.**

Voltando às questões anteriores, trata-se aqui pois da construção de uma visão filosófica tal que:

- (1) O que julgamos real é o resultado de uma construção (inclusive científica e filosófica);
- (2) Essa visão-construção é uma dentre outras possíveis; e
- (3) Essa construção se dá por meio do sistema de esquemas de ações e operações sobre símbolos e signos do sujeito epistêmico.

No caso do real construído por cada sujeito, as definições relativas à significação introduzidas anteriormente são úteis pois se pode considerar que o que é real para cada sujeito é constituído pelo *sistema de significações* construídas por tal sujeito. Note-se que tal sistema é constituído não apenas pelo conjunto de significações mas também pelas relações entre elas (*cf.* TASSINARI, 2014, p. 38, Definição 12).

Nesse sentido, pode se concluir que:

- (4) O que cada um de nós julga real faz parte de nossos sistemas de significações, construídos por meio dos sistemas de esquemas de ações e operações sobre símbolos e signos de cada um.

Pode-se agora tratar do conceito de autoconsciência a partir do de consciência relativamente ao MoSEAOSS.

No contexto do MoSEAOSS e da Epistemologia Genética, a consciência se constitui em um sistema de significações e, como já salientado (TASSINARI, 2014, p. 38), o sistema de significações possibilita o estudo dos fenômenos de consciência. Como ressalta Piaget (1967/1973, p. 63, *cf. tb.* 1963, p. 150) “[...] a consciência constitui um sistema de significações cujas duas noções centrais são a designação [ou seja, a relação entre significante e significado] e a ‘implicação’ entre significações”.

Pode-se, pois, considerar que o conteúdo da consciência é constituído pelas significações e seu sistema e que as teorias filosóficas (incluindo nessas as científicas) expressam tal conteúdo.

Ao se considerar que, de forma geral, o que cada um de nós julga real é constituído pelo sistema de significações de cada um e tal sistema constitui a consciência de cada um, torna-se útil e possível um conceito de autoconsciência inspirada em Hegel.

Como já salientado, para Hegel (1830/2015, §424, p. 442-443):

A verdade da consciência é a *autoconsciência*, e esta é o fundamento daquela, pelo que, na existência, toda a consciência de um outro objeto é autoconsciência; eu sei o objeto como meu (é representação minha), por isso, nele eu sei de mim mesmo.

Pode-se, pois, considerar o seguinte conceito operacional de autoconsciência: por definição, *autoconsciência* é a consciência da própria consciência, em que eu sei o objeto como meu, isto é, é construção minha a partir de meu sistema de esquemas de ações e operações sobre símbolos e signos e, por isso, nos objetos sei de mim mesmo.

Nesse sentido, o conceito de autoconsciência se mostra como a consciência da própria consciência (em que eu sei o objeto como meu, é construção minha, por isso, nele sei de mim mesmo), já que o significado de uma percepção, isto é, o próprio objeto, é um ser essencialmente intelectual elaborado a partir do sistema de esquemas de ações e operações sobre símbolos e signos.

Note-se que, por definição, em relação a uma autoconsciência, diz-se que algo é *para si*, se tal autoconsciência o reconhece, e que é *em si* se ela tem a possibilidade de o reconhecer. Em especial, tudo que uma autoconsciência reconhece, ela tem a possibilidade de reconhecer, isto é, tudo que é *para si* é também *em si*.

Na visão filosófica aqui apresentada, considera-se que uma consciência é *em si* uma autoconsciência, na medida em que pode vir a se tornar consciente dessa interdependência do objeto (construído) com seu sistema de esquemas de ações e operações sobre símbolos e signos.

Na medida em que toma conhecimento da interdependência do objeto (construído) com seu sistema de esquemas de ações e operações sobre símbolos e signos, a consciência torna-se autoconsciência *para si* (e não apenas *em si*), tornar-se autoconsciência *em si e para si*.

Nesse caso, o conceito de autoconsciência possibilita considerar, ao mesmo tempo: (1) que a compreensão de um sujeito S do mundo em que vive e de si próprio é uma construção e (2) identificar, imediatamente, aquilo que julga real com essa própria construção.

Ve-se, pois, como do fato de se considerar que os objetos e, conseqüentemente, o mundo em que vivemos e nós próprios, são construídos, introduz-se, naturalmente, o conceito de autoconsciência, que nada mais é que a consciência desse fato (e se mostra como um conceito operacional necessário para tratar do sistema dos seres humanos).

Cabe, agora, considerar tal conceito de autoconsciência não apenas em relação a um sujeito, mas ao sistema de sujeitos assim considerados, ou seja, tratar do sistema das autoconsciências.

## **6. Resultados e Conclusões: o MoSEAOSS e o Sistema das Autoconsciências.**

Voltando à questão de como compreender o sistema dos seres humanos e seus comportamentos, considerando que esse próprio ser humano é capaz de fazer ciência e filosofia do mundo em que vive e de si próprio, a partir do exposto até aqui, pode-se considerar o seguinte conceito operacional.

Por definição, o *sistema das autoconsciências* é o sistema das consciências (aqui dos seres humanos) que são capazes de elaborar teorias filosóficas (incluindo as científicas) nas quais os objetos e situações são construídos e dependem dos seus sistemas de esquemas de ações e operações sobre símbolos e signos.

Note-se que, para cada um de nós, dentre esses objetos construídos estão os seres humanos, para os quais também os objetos e situações são construídos e dependem dos seus sistemas de esquemas de ações e operações sobre símbolos e signos.

Nesse sentido, os conceitos de autoconsciência e de sistema das autoconsciências introduzidos são importantes, pois:

- (1) O que cada um de nós julga real faz parte de nossos sistemas de significações, construídos por meio dos sistemas de esquemas de ações e operações sobre símbolos e signos de cada um;
- (2) O sujeito do conhecimento pode se reconhecer como uma autoconsciência, ser uma *autoconsciência em si e para si*, ou seja, assumir que tudo que ele julga existir faz parte de sua consciência (isto é, um sistema de significações construído a partir do sistema de esquemas de ações e operações sobre símbolos e signos); e
- (3) O sujeito do conhecimento pode considerar que no interior de sua autoconsciência se encontram, como objetos, os organismos de outros seres humanos, que expressam outras autoconsciências, de forma que os comportamentos desses objetos decorrem dos sistemas de esquemas de ações e operações sobre símbolos e signos e dos conteúdos dessas autoconsciências.

O conceito operacional de sistema das autoconsciências expressa, pois, que a compreensão de um sujeito S do mundo em que vive, de si próprio e dos outros é uma construção de S e que S identifica aquilo que julga real com essa própria construção; e que tal construção expressa a própria visão filosófica (em sentido amplo) de S a respeito do mundo

em que vive, de si próprio e dos outros.

Note-se que dizer que para o sujeito existe uma identificação do real com a própria construção do sujeito não implica (necessariamente) dizer que esse real é uma espécie de delírio do sujeito, pois tal construção é balizada também pelo objeto que se busca conhecer.

Nesse sentido, pode-se falar aqui de *objetividade* da construção realizada pelo sujeito, na medida em que, de alguma forma, tal construção é balizada pelo próprio objeto que se busca conhecer; e se pode falar aqui de *subjetividade* da construção, na medida em que o objeto, como construção, se mostra como parte do sujeito como autoconsciência (na qual sabe-se o objeto como seu, é construção sua, por isso, nele sabe-se de si próprio). Ambos aspectos, subjetividade e objetividade, estão sempre presentes nas construções dos objetos que se julga fazer parte do mundo em que vivemos.

Tal distinção se torna mais clara, no sistema das autoconsciências, quando os objetos são organismos que expressam outras autoconsciências, pois as ações e operações que atribuímos a uma outra autoconsciência quase sempre não são exatamente as ações e operações que tal autoconsciência pode realizar.

Por fim, como resumo dos resultados e conclusões das considerações deste trabalho, obtêm-se, pois, uma visão e análise filosófica:

- (1) Que se assume como uma construção;
- (2) Que admite e possibilita explicar e coordenar a diversidade de construções de visões filosóficas possíveis, sem ser relativista;
- (3) Em que o sistema dos seres humanos é considerado um sistema de autoconsciências;
- (4) Em que tais autoconsciências realizam os diversos sistemas filosóficos pelos quais elas se pensam; e
- (5) Que possibilita a dialética do reconhecimento discutida por Hegel (1807/2014/2015, Seção IV.A, e 1830/1988/1992/1995/2015, III.I.B.b.β), na medida em que a visão e análise realizada aqui se inspirou nos conceitos e argumentos hegelianos que possibilitam essa dialética, bem como tal visão e análise possibilita se utilizar de conceitos e argumentos hegelianos que decorrem dessa parte para se pensar o mundo e a nós próprios, o que será realizado em trabalhos futuros.

### **Referências bibliográficas**

APOSTEL L.; MAYS W.; MORF A.; PIAGET J. (avec la collaboration de MATALON, B.)  
*Les Liaisons Analytiques et Synthétiques dans le Comportements du Sujet*. Paris: P.U.F., 1957.

DANTAS, L. C. V. *A Ressignificação na Terapia Cognitiva: Uma Análise a partir da Modelo do Sistema de Esquema de Ações e Operações sobre Símbolos e Signos* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br>. Acesso em: 27 set 2017.

DANTAS, L. C. V.; TASSINARI, R. P. *A Ressignificação na Terapia Cognitiva: Uma Análise a Partir do Modelo do Sistema de Esquema de Ações e Operações sobre Símbolos e Signos. IV Colóquio Internacional de Epistemologia e Psicologia Genéticas: Teoria e Prática na Construção do Conhecimento*. Marília - SP: Fundepe - Editora, 2016. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B5Clk9eE1rBkVjhIMl83UEptTWs/view?usp=sharing>

FERRAZ, A. A. *Como é Possível o Conhecimento Matemático: Uma Análise a Partir da Epistemologia Genética* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br>. Acesso em: 27 set 2017.

FERRAZ, A. A.; TASSINARI, R. P. *Como é Possível o Conhecimento Matemático: As Estruturas Lógico-Matemáticas a partir da Epistemologia Genética*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. Disponível em: [www.culturaacademica.com.br/catalogo-detalle.asp?ctl\\_id=543](http://www.culturaacademica.com.br/catalogo-detalle.asp?ctl_id=543). Acesso em: 27 set 2017.

FERRAZ, A. A.; TASSINARI, R. P. *Como é Possível o Conhecimento Matemático: Uma Análise Fundamentada no Modelo do Sistema de Esquemas de Ações e Operações sobre Símbolos e Signos. IV Colóquio Internacional de Epistemologia e Psicologia Genéticas: Teoria e Prática na Construção do Conhecimento*. Marília - SP: Fundepe Editora, 2016. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/0B5Clk9eE1rBkYUs2WEJPQUJuX1U/view?usp=sharing>

FERREIRA, R. R. *Sobre o uso da função proposicional e sua gênese segundo a Epistemologia Genética* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br>. Acesso em: 27 set 2017.

FERREIRA, R. R.; TASSINARI, R. P. *Piaget e a Predicação Universal*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. Disponível em: [www.culturaacademica.com.br/catalogo-detalle.asp?ctl\\_id=410](http://www.culturaacademica.com.br/catalogo-detalle.asp?ctl_id=410). Acesso em: 27 set 2017.

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito [1807]*. Tradução de Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Effen. Petrópolis-RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014.

- HEGEL, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes [1807]*. Hamburg: Felix Meiner, 2015 (Hauptwerke in sechs Bänden - Band 2).
- HEGEL, G. W. F. *Encyclopédie des Sciences Philosophiques III – Philosophie de l'Esprit*. Texte intégral présenté, traduit et annoté par Bernard Bourgeois. Paris: Vrin, 1988.
- HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome [1830]*. Volume III. Filosofia do Espírito. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1992.
- HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio (1830)*. Vol. III – A Filosofia do Espírito. Tradução de Paulo Meneses com a colaboração de José Machado. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- HEGEL, G. W. F. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)*. Hamburg: Felix Meiner, 2015 (Hauptwerke in sechs Bänden - Band 6).
- LATANSIO, V. D. *A Significação na Epistemologia Genética: Contribuições para uma Teoria do Conhecimento* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br>. Acesso em: 27 set 2017.
- MARÇAL, V. E. R.; TASSINARI, R. P. O Modelo Grupo Prático de Deslocamentos em Psicologia e Epistemologia Genéticas e sua Formalização. *Schème: Rev. Eletr. de Psic. e Epist. Gen.*, Marília, [Online]. v. 5, n. 1, p. 6-18, 2013. Disponível em: <http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme>. Acesso em: 27 set 2017.
- MARÇAL, V. E. R.; TASSINARI, R. P. O Caráter a priori das Estruturas Necessárias ao Conhecimento, Construídas segundo a Epistemologia Genética. *Schème: Rev. Eletr. de Psic. e Epist. Gen.*, Marília, [Online]. v. 6, n. Especial, p. 225-241, 2014. Disponível em: <http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme>. Acesso em: 27 set 2017.
- PENTEADO, M. L.; TASSINARI, R. P. Teoria da Relatividade Restrita, Epistemologia Genética e o Modelo do Sistema de Esquema de Ações e Operações sobre Símbolos e Signos. *IV Colóquio Internacional de Epistemologia e Psicologia Genéticas: Teoria e Prática na Construção do Conhecimento*. Marília - SP: Fundepe Editora, 2016. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B5Clk9eE1rBkTk9oVk5oRmtJdW8/view?usp=sharing>
- PIAGET, J. *Introduction a l'Épistémologie Génétique*. Tomo I: La Pénsee Mathématique. Paris: P.U.F., 1950.
- PIAGET, J. L'Explication en Psychologie et le Parallélisme Psychophysiological. In: PIAGET, J.; FRAISSE, P.; REUCHLIN, M., 1963, p. 121-152.
- PIAGET, J (1967). *Biologia e Conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1973.

PIAGET, J.; FRAISSE, P.; REUCHLIN; M. *Traité de Psychologie Expérimentale*. Paris: PUF, 1963.

TASSINARI, R. P. Sobre uma Estrutura Fundamental para a Lógica Operatória Concreta. In: DONGO-MONTOYA, A. O. D.; MORAIS-SHIMIZU, A.; MARÇAL, V. E. R.; MOURA, J. F. B. (Orgs.). *Jean Piaget no século XXI: Escritos de Epistemologia e Psicologia Genéticas*. Marília; São Paulo: Oficina Universitária; Cultura Acadêmica, 2011, p. 31-46. Disponível em: [www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/jean\\_piaget.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/jean_piaget.pdf). Acesso em: 27 set 2017.

TASSINARI, R. P. O Sistema das Autoconsciências: da Epistemologia Genética a um Idealismo Especulativo. *Schème: Rev. Eletr. de Psic. e Epist. Gen.*, Marília, [Online]. v. 5, n. Especial, p. 724-283, 2013. Disponível em: <http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme>. Acesso em: 27 set 2017.

TASSINARI, R. P. O Modelo do Sistema de Esquemas de Ações e Operações sobre Símbolos e Signos. *Schème: Rev. Eletr. de Psic. e Epist. Gen.*, Marília, [Online]. v. 6, n. Especial, p. 7-44, 2014. Disponível em: <http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme>. Acesso em: 27 set 2017.

TASSINARI, R. P. O Sistema das Autoconsciências: Da Epistemologia Genética a um Idealismo Especulativo (Reedição Revisada). In: SOUZA, D. G.; LIMA, F.J.G. (Org.). *Filosofia & Interdisciplinaridade: Festschrift em Homenagem a Agemir Bavaresco*. Porto Alegre: Editora Fi, 2015, v. , p. 851-890. Disponível em: <http://emporiiododireito.com.br/wp-content/uploads/2015/07/eBook-Filosofia-Interdisciplinaridade.pdf>. Acesso em: 27 set 2017.

TASSINARI, R. P. Como é Possível a Filosofia? Uma Análise a partir do Modelo do Sistema de Esquemas de Ações e Operações sobre Símbolos e Signos. *IV Colóquio Internacional de Epistemologia e Psicologia Genéticas: Teoria e Prática na Construção do Conhecimento*. Marília - SP: Fundepe - Editora, 2016. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/0B5Clk9eE1rBkVjhIMl83UEptTWs/view?usp=sharing>